

Elas sonham com a hora do ‘sim’
They dream with the ‘yes time’

Érica Ribeiro

Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e professora da Universidade Veiga de Almeida. Rua do Riachuelo 239/901. Centro, Rio de Janeiro (RJ). CEP: 20.230-011. E-mail: ericaribeiro@id.uff.br.

Resumo

A partir dos estudos sobre representações do feminino na mídia contemporânea, este trabalho tem como objetivo identificar como a TV compõe o imaginário sobre as noivas. Novelas, filmes, comerciais e, mais recentemente, os reality shows indicam sonhos, expectativas e comportamentos de mulheres que irão se casar. Neste percurso, para se tornar um evento midiático e passível de narrativa, são feitos recortes para mostrar essas noivas, modelando uma certa representação do feminino nestas ocasiões. Para buscar entender como a noiva brasileira é mostrada pela mídia, este artigo irá analisar a materialidade discursiva do programa Chuva de Arroz, exibido pelo canal por assinatura GNT.

Palavras-chave: Casamento. Mídia. Representação.

Abstract

From the studies on representations of women in contemporary media, this paper aims to identify how to TV makes the imaginary brides. Soap operas, movies, ads and, more recently, reality shows suggest dreams, expectations and behaviors of women who will marry. Therefore, the wedding become a media event and use the narrative to indicate the perfect event. To understand how Brazilian Bride is shown by the media, this article will analyze the discursive materiality of program 'Chuva de Arroz', aired by the channel GNT.

Keywords: Wedding. Media. Representation.

Se a gente se casar domingo / Na praia, no sol, no mar / Ou num navio a navegar / Num avião a decolar / Indo sem data pra voltar / Toda de branco no altar / Quem vai sorrir? / Quem vai chorar? / Ave Maria, sei que há / Uma história pra sonhar / Pra sonhar

A estrofe faz parte da música ‘Pra sonhar’ de Marcelo Jeneci, tocada na abertura do programa “Chuva de Arroz”, exibido no canal por assinatura GNT. Sob a voz da intérprete Laura Lavieri, a canção traz o sonho do casamento perfeito e a realização dele. Mas também deixa claro que o desejo é feminino ao indicar o gênero no verso “Toda de branco no altar”, demonstrando que é a noiva o foco da música. A letra resume a ideia programa, que conta a história do casal desde quando se conhecem à máxima do ‘felizes para sempre’.

O Chuva de Arroz mostra as mais diversas maneiras de celebrar este ritual (o casamento). Do dia em que se conheceram até a hora do sim! A cada episódio, vamos acompanhar a trajetória de dois casais e mostrar as ansiedades e expectativas do grande dia. Você vai ver detalhes da cerimônia, como o vestido da noiva, a maquiagem, a decoração e a festa, além de conhecer a história de amor que uniu essas pessoas (site do programa Chuva de Arroz).

Assim, o encontro, a paixão, o início do namoro, o noivado e a celebração do casamento são contados, mas essas histórias servem como contexto para mostrar a preparação da cerimônia, que ainda é vista como algo importante. Somente no ano de 2013, o mercado de casamento movimentou cerca de R\$16 milhões segundo a Associação dos Profissionais, Serviços para Casamentos e Eventos Sociais (Abrafesta) e, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a quantidade de uniões vêm crescendo desde 2010¹, o que mostra que ainda há um interesse não só pela formalização da união, mas também pela celebração do casamento.

O interesse da mídia pelo casamento não é algo novo. Desde das primeiras revistas brasileiras lançadas no século XIX até as mais recentes apresentam pautas relacionadas ao tema. A revista *FON-FON*, publicada entre 1907 e 1958, era uma revista feminina que tratava de assuntos do cotidiano, mas trazia em suas páginas diversas matérias sobre casamento. A edição 2.359, de 28 de junho de 1952, por exemplo, apresentou dois textos dedicados a união: “Noivas, preparai-vos para a maternidade” (página 6 e 7) e “Escola de noivas” (página 61). Só pelo título percebe-se o foco: a noiva.

A primeira matéria divulga um projeto do governo que busca ensinar às futuras mães - já que

¹<http://www.valor.com.br/brasil/2941374/numero-de-casamentos-aumentou-5-no-pais-no-ano-passado-segundo-ibge#ixz21CkRIXls>.

a maternidade era o que se esperava da mulher casada - os primeiros passos para cuidar de um bebê, oferecendo estágios práticos. São duas páginas com diversas fotos que ilustram o trabalho realizado junto a uma pequena explicação do que é proposto; ao final, a revista parabeniza a ação: “FON-FON, a líder das revistas femininas do Brasil, aplaudindo essa grande iniciativa do Dr. Francisco Antônio Cardoso à frente da Secretaria de Saúde e Assistência a que estão afetos os Centros de Saúde, apresenta às suas leitoras alguns aspectos das atividades das noivas paulistas”.

Já a segunda matéria faz parte de uma série de textos publicados para ajudar às mulheres a sanar dúvidas sobre diversos aspectos relacionados ao matrimônio. Na edição indicada, o texto apresenta uma análise sobre a mulher que tem o pretendente bem mais velho que ela. A publicação discorre sobre os problemas que isso pode causar no futuro: a falta precoce do marido, a imaturidade da mulher, dependência familiar ou um possível novo casamento imprudente. E aconselha àquelas que estão nesta situação a casarem somente se sentirem que estão preparadas para corresponder aos anseios do marido, provando “por atos e palavras que, por mais novas que sejam também têm cérebro e sabem compreender os problemas da vida e ajudar os maridos a resolvê-los”, deixando a responsabilidade pelo sucesso do casamento com elas.

Segundo Del Priore (2013), o que interessava nas mulheres, na virada do século XIX para o XX, era conseguir conquistar e manter a felicidade no casamento. Apesar de terem uma certa liberdade - em meados do século XX, a mulher já não era tão mal vista se trabalhasse fora, podia passear sozinha e até escolher o rapaz com quem iria se relacionar -, o casamento ainda era tido como algo essencial, tanto que em 1941, o então presidente da República Getúlio Vargas instuiu um decreto no qual determinava que a formação das mulheres deveria ser voltada para o casamento, a maternidade, a criação dos filhos e ao zelo da casa.

As revistas tinham então um papel modelar no que dizia respeito à vida familiar. *Querida, Vida Doméstica, Você, Jornal das Moças* ou seções femininas de *O Cruzeiro* impactavam como formadoras de opinião. E o que elas diziam? Que ser mãe e dona de casa era o destino natural das mulheres, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade (DEL PRIORI, 2013, p. 67).

Na segunda metade do século XX, diversas mudanças econômicas, políticas e sociais iniciaram um processo de grandes transformações que afetaram a forma como a mulher se posicionava na sociedade e era vista pelos outros, com uma aproximação entre os papéis exercidos por elas e os homens. De acordo com Coelho e Fracese (2013), nessa fase o casamento deixa de ser a única forma de relacionamento possível entre os casais já que não há mais a obrigatoriedade da

união oficial para se ter um parceiro.

Apesar do casamento não ser mais o único modo de união, por que as pessoas ainda casam? O casamento ainda é visto como uma forma de reconhecimento da mulher na sociedade? O sonho do casamento ainda está presente nos desejos femininos, mas inserido em um novo cenário social no qual ela pode decidir com quem será a união e ainda quais os motivos que levaram ao matrimônio. E assim como as revistas femininas de outrora auxiliavam as noivas no processo, o século XXI oferece uma diversidade de produtos na mídia atrelados a temáticas. Assim, se no início do XX, o modelo de mulher apresentado era o de dona-de-casa que serve ao marido; a hipótese levantada é que hoje os objetivos do casamento se afastam da conquista por espaço social e que a mídia reflete as escolhas da mulher pelo casamento.

Quais as expectativas da noiva sob o casamento? O sonho da mulher moderna com relação à oficialização da união diverge dos anseios das gerações anteriores? Para identificar as formas de representação das noivas contemporâneas e compreender os motivos que as levam ao matrimônio, o recorte desta discussão se dará na primeira temporada do programa Chuva de Arroz, que conta com 13 episódios. São 25 noivas² que, além de terem a união concretizada, exibiram suas histórias na televisão.

Do negócio ao amor: uma breve discussão sobre a concepção do casamento

No início do terceiro episódio do programa Chuva de Arroz, exibido em 21 de maio de 2012, o noivo Arnaldo diz o que pensa sobre o casamento: “A mulher desde que nasce... ela sonha, parece que está no DNA dela. Ela quer se vestir de branco, ela quer casar”. De acordo com ele, então, a união é um desejo essencialmente feminino e da essência da mulher. Esta não é uma opinião somente dele e muito menos nova. A atribuição do desejo do casamento à mulher é histórico e foi constituído ao longo dos séculos.

Segundo Leite (2005), procriação, exercício da fé, realização do sacramento e educação da prole já foram fundamentos para a constituição do casamento. O matrimônio como marco para a união entre pessoas faz parte da construção de um processo civilizador e regulador nas sociedades ocidentais, principalmente com relação a sexualidade e com apoio da Igreja Católica, instituição que mais lutou pela monogamia, e só foi consolidado a partir do século XIII (DEL PRIORI, 2013).

² O episódio 6 traz um casal de homens, o que invalida a análise para esta proposta de artigo.

NORBERT, 2011).

No Brasil, a valorização do casamento tem início com a colonização e ganha força com a vinda da Família Real Portuguesa em 1808. As mulheres se casavam por diversos motivos que poderiam ir da segurança pelo sustento dela, alianças familiares, fortuna a conquistar ou salvar o “nome”.

Na sociedade tradicional, a mulher não possuía estatuto fora do casamento; ele era a única instituição que lhe permitia se realizar como ser social. Tornar-se uma “santa esposa e mãe” - como queria a Igreja Católica - davam o respeito, a mobilidade social e a segurança tão almejadas pelas populações femininas (DEL PRIORI, 2013, p. 30).

Diante disso, o casamento não envolvia “amor”, sendo mais próximo de um negócio, um mecanismo que envolvia diversas pessoas para se conseguir o casamento ideal. Havia um racionalismo para as uniões acontecerem e, muitas vezes, os noivos se conheciam somente às vésperas da cerimônia - quando não somente no dia do casamento. A união com base no companheirismo, no respeito e no amor somente começa a surgir com a consolidação da modernidade, quando as pessoas iniciaram um processo de individualização e particularização de ações (vida íntima e privada), que passam a ser valorizados, como indica Taylor.

O casamento com base no companheirismo e a exigência de privacidade aconteceram ao mesmo tempo. A família baseada no afeto tinha de ser constituída por afinidade. Não podia ser fruto exclusivamente dos arranjos dinásticos e de propriedade que foram tão importantes para a antiga linhagem (TAYLOR, 2011, p.377)

Ainda segundo o autor, a doutrina puritana teve grande influência nessas transformações iniciadas no final do século XVIII na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde o movimento puritano foi mais forte e responsável pela compreensão contemporânea que se tem do casamento e do amor. Assim, a sociedade chega ao século XXI tendo os valores para a união atribuídos a sentimentos e não mais a negócios e podem ter como objetivos a intenção do casal de viver junto e de se constituir uma relação de companheirismo.

Mesmo o casamento não sendo mais o foco da maior parte dos jovens e não estar nos planos para o futuro, já que independência não está exclusivamente relacionada a consolidação do matrimônio de forma tradicional (VELHO, 2010, p.236), o desejo pela realização do casamento existe e, segundo Del Priori (2013), tem como fundamento principal a busca pela felicidade. A autora afirma que a relação entre felicidade e casamento é difundida principalmente pela mídia -

cinema, novelas e músicas. “O amor é a chave que abre as portas do paraíso na terra. Faz parte desse pacote a ideia de que um dia as mulheres encontrarão um príncipe encantado com todas as qualidades de alma gêmea” (DEL PRIORI, 2013, p.100-101).

Assim, apesar do pensamento e dos costumes sociais terem mudado - por diversos motivos, como a entrada da mulher do mercado de trabalho, o desenvolvimento da pílula anticoncepcional, o direito ao voto, a autonomia feminina e os rearranjos familiares (DEL PRIORI, 2013; MITIDIERI, 2008) -, o cerimonial do casamento continua a existir de forma tão tradicional quanto antes, marcando uma mudança de vida e com significados para as pessoas.

A força do ritual e a importância que ele ainda tem para a sociedade é claramente notado ao analisar os assuntos pautados pela mídia. No Brasil, casamentos de celebridades ganham capas de jornais e revista e um grande assédio da imprensa. As uniões de Ronaldo Nazário com Daniela Cicarelli (2005) e de Alexandre Pato e Sthefany Brito (2009) chamaram atenção pela grandiosidade e pelo ar de conto de fadas. Os dois casais celebraram o enlace seguindo representações tradicionais que envolvem o casamento, principalmente com relação aos elementos simbólicos que regem o ato: vestido branco, véu, grinalda, buquê, bolo, troca de alianças, recepção para os convidados e o beijo que sela o compromisso.

Pato e Sthefany casaram-se na Igreja São Francisco de Paulo, no Centro da cidade do Rio de Janeiro, e realizaram a recepção no hotel Copacabana Palace. Já Ronaldo e Daniela realizaram parte do casamento tradicional com cerimonial no Castelo de Chantilly, na França, já que não se casaram oficialmente - o jogador ainda não havia se separado formalmente de Milene Domingues. Assim, fica mais evidente a força que o cerimonial tem na sociedade como forma de marcar a união entre casais.

Outro casamento que ganhou a mídia mundial e reforça a tradição do ritual foi a união entre o príncipe William e Kate Middleton na Inglaterra em 2011. Desde o anúncio do noivado, diversas publicações iniciaram uma corrida por todos os detalhes que envolviam a relação entre os dois e a cerimônia. Os assuntos variaram do anel de noivado a volta do uso do vestido rendado; incluindo a transmissão da cerimônia ao vivo para 180 países.

Mas não são somente as celebridades que ganham espaço. Muitas vezes elas funcionam como gancho para se trazer a público outras questões relacionadas ao casamento. Na televisão, programas dos mais diversos têm como foco a celebração da união e ganham espaços na grade. Eles ensinam a escolher o vestido, a fazer a festa, a não cometer gafes, a decorar, a economizar, a

escolher a música ou mesmo a cuidar da casa, da beleza, dos filhos e da relação.

Algumas dessas produções são diretamente baseadas no ritual do casamento. E mais: alguns têm o foco para as noivas, tidas muitas vezes como a pessoa que tem esse sonho. “Embora os ritos matrimoniais se organizem em torno de um casal que celebra sua mudança no estado civil, é sabido que a ocasião é largamente associada ao universo feminino”, afirma Marins (2013, p.2); retificando a ideia de que a mulher é tida como o personagem principal e, por consequência, para ela que são voltados a maior parte dos produtos midiáticos que envolvem o casamento.

Eu quero me casar

Exibido na programação do canal por assinatura GNT, o programa “Chuva de Arroz” apresenta os preparativos para o casamento de dois casais. A temporada de estreia teve início em maio de 2012 e possui 13 episódios, exibidos semanalmente, que buscam contar a história deles desde o dia que os noivos se conheceram até o momento do casamento.

A maior parte dos roteiros segue o mesmo padrão, com início, meio e fim de acordo com a ordem cronológica dos acontecimentos: como os noivos se conheceram, namoro, noivado, preparativos para a cerimônia e o “grande dia”. Mas, apesar do programa mostrar o casal, o público-alvo da produção para conquistar os participantes é a mulher, constatação clara na chamada do programa no site³ que pressupõe o sonho do casamento ser dela (“sempre sonhou em se casar vestida de noiva”), ou seja, cabe ainda a mulher o desejo de concretizar oficialmente a união.

Você, que sempre sonhou em se casar vestida de noiva, já pensou em ver seu casamento virar programa do GNT? Para realizar esse sonho, basta enviar uma foto bem bacana do casal e contar a história de vocês dois, dando detalhes da cerimônia e da festa que vocês estão organizando (site do programa Chuva de Arroz).

Até meados do século XX, sabe-se que a mulher possuía motivos específicos para desejar constituir o matrimônio e, para ajudá-la nesta tarefa, diversas publicações eram disponibilizadas. Com a mudanças no comportamento social e a nova fase conquistada pela mulher, o foco desses produtos também mudou. Eles continuam a falar sobre casamentos, mas as vertentes discutidas são outras. Percebe-se neste processo que eles, de certa forma, refletem as anseios delas para este momento.

³ <http://gnt.globo.com/programas/chuva-de-arroz/>. Acesso em 17 de março de 2015.

O programa “Chuva de Arroz” é um desses produtos midiáticos que exploram o casamento como temática principal. Com a exibição da história dos noivos e a produção do casamento, ele proporciona emoção e entretenimento, mas também é capaz de transmitir ensinamentos, apresentar histórias - no caso, com final feliz - e difundir comportamentos. Aqui pretende-se mostrar quem são as noivas do programa e o que elas pensam sobre o casamento na tentativa de compreender os fenômenos levam a mulher contemporânea buscar a união por meio do ritual matrimônio e como ainda como isso é passado pela mídia.

Nos 13 episódios pertencentes à primeira temporada do programa, foram analisadas 25 mulheres que, pela análise geral, parece todos terem uma situação financeira confortável pela suntuosidade das cerimônias. Ou, estavam se casando com alguém que tinha condição para bancar os custos. Neste sentido, o primeiro apontamento a ser destacado é o trabalho. Direito conquistado a longo dos anos que faz com que a mulher busque independência, a inserção no mercado de trabalho é grande entre essas noivas: somente duas delas percebe-se claramente que não possuem um trabalho formal - a suíça Raquel, participante do décimo episódio e que tinha somente o visto de estudante para permanência no Brasil; e Babi (13º episódio), companheira do músico Arlindo Cruz e que dedica o seu tempo à casa, aos filhos e ao marido e à carreira dele.

No entanto, esse número pode ser maior, já que com sete noivas o programa não deixa claro se elas trabalham ou não, como, por exemplo, a noiva de Cacá Bueno, Talita. No programa, ela aparece acompanhando ele nas corridas e ele declara que ela parece já fazer parte da equipe, além de afirmar que futura esposa foi responsável em resolver todos os detalhes da cerimônia. Já Talita sempre sonhou em casar para construir uma família.

O motivo de celebrar o casamento, igreja, festa, acho que é reunir todo mundo que faz parte de nossas vidas e tal, mas é principalmente construir uma família. Acho que para a gente futuramente ter filhos, precisa ter uma estabilidade... casar, morar juntos e fazer tudo conforme manda o regulamento (Talita, noiva do 5º episódio).

Outra noiva que segue a tradição, parece não trabalhar fora e acredita que o casamento é caminho para se constituir uma família é Renata (12º episódio). De família judaica, a noiva indica claramente dois motivos para sacramentar oficialmente a união: companheirismo e o desejo de construir uma família judaica. No entanto, apesar de ser formada em uma faculdade e nunca ter deixado os estudos de lado, afirma que o seu objetivo era casar. Para ela, a realização desse sonho traria felicidade, paz, segurança e amor.

A ideia da segurança, da paz e da estabilidade ainda surge no discurso de outra participante: Camila, que, assim como Renata, está no 12º episódio da temporada. Dentro dos motivos para o casamento apontado por essas noivas ainda se vê resquícios do passado, em que a mulher buscava um marido para garantir o sustento e ser respeitada socialmente. No caso então de Camila isso é ainda mais evidente: ela namora há dez anos com Adolfo e não se vê morando junto com ele que não seja casada. Esse sonho de casamento parece compreensível considerando a possibilidade dessas mulheres estarem em busca da ideia de segurança para o futuro, assim como suas avós e mães, provavelmente. Mas dentro desse contexto, ainda se encontra a conquista da felicidade por meio do amor.

Apesar de somente seis noivas terem declarado diretamente que é o amor o motivo do casamento, percebe-se esse sentimento incluso em outras possibilidades: “ele é o homem da minha vida”, “somos almas gêmeas”, “nascemos um para o outro” e “nosso relacionamento é uma dádiva de Deus”. As ideias transpassadas por essas noivas são mais relacionadas ao sentimento e a poder alcançar a felicidade após encontrar uma pessoa com quem possa compartilhar a vida e fazer planos.

Neste processo, a maior parte delas acredita ser necessário passar por um ritual para marcar essa nova etapa: em que deixam de ser solteiras para serem casadas de acordo com a lei. Com o desenrolar dos preparativos, começam a ver o acontecimento como realização de um sonho, mesmo aquelas que já estão morando com os noivos. Isso pode ser atestado no casamento entre Tatiane e Fernando, noivos do episódio 7. Eles foram morar juntos com três meses de relacionamento e se casaram seis anos depois; durante os votos na cerimônia, a noiva declara: “Em uma semana eu já sabia que tu serias o homem que me traria até o altar. A pessoa que me ensinou que eu não preciso ser perfeita o tempo todo, me ensinou a levar a vida de uma forma mais leve. Com você, a vida fica muito mais bonita de se viver. Fica comigo para sempre?”, declarou Tatiane.

O desejo do “felizes para sempre” perpassa por diversos outros casamentos. Talita e Renata, por exemplo, dizem terem nascido para casar; a primeira usa termos como príncipe encantado e conto de fadas, o que indica a representatividade que o casamento tem na vida de cada uma e também a influência de outros produtos de mídia na construção do modelo ideal de felicidade. Já Manuela (noiva do episódio 7) vai além do sonho de encontrar o amor para a vida toda: a realização do casamento só será satisfatória se envolver todos os trâmites mais tradicionais da cerimônia:

Eu sempre quis casar como manda o figurino. Sempre quis casar de branco, ter um festão. Sempre foi um sonho. Sempre fui uma pessoa que já sabia muito sobre casamentos, eu já

olhava revistas, pesquisava. E quando ele me pediu em casamento, foi até a desculpa ideal para eu falar ‘oba, agora eu tenho meu casamento para organizar. Que bom!

E a ideia do vestido branco é forte. Apesar de todas os motivos identificados para a realização do casamento, mesmo aquelas que não tinham o sonho de se casar buscaram uma cerimônia que pudesse marcar a união e aderiram em parte à tradição brasileira na escolha da cor. Fora duas noivas (Adijane, 8º episódio, e Vanessa, 13º episódio) que casaram de vermelho por conta do tipo de cerimônia religiosa da união - mantendo o ritual da tradição escolhida, o que é importante frisar -, todas as outras fizeram questão de casar de branco, mesmo aquelas pensaram não adotar o tom para isso. Como a noiva Camila do 4º programa, que casou sob a temática ‘Circo’ e acreditava que nunca casaria de branco; ela acabou, inclusive, encomendando o vestido por não ter achado o que desejava em uma loja de aluguel.

O vestido de noiva realmente é um dos fatores mais clássicos nos casamentos midiáticos. Grande parte do programa “Chuva de Arroz” é dedicado a esse traje exclusivamente feminino: depoimentos sobre escolhas, provas e a preparação da noiva. Um dos grandes medos apontados é que o noivo veja a roupa antes do casamento por conta do mito de que o ato traz azar ao casal. O simbolismo dele é grande e altamente valorizado pelas noivas, que o colocam como um dos elementos mais importantes do casamento.

Ao contrário do histórico que indica que o vestido branco tem o valor da pureza da mulher, segundo algumas noivas, ele representa a personalidade delas e é tão essencial quando o futuro marido. Companheira de Arlindo Cruz há 26 anos e com dois filhos, Babi não abdicou do vestido branco, mas fez questão que ele fosse diferente: “Eu não sou normal, então não quero uma coisa normal”, essa foi a primeira coisa que passou pela minha cabeça”, afirmou ela em depoimento para o programa.

E ter um casamento diferenciado também faz parte do sonho de praticamente todas as noivas. Apesar da maioria utilizar ações (cerimônia e recepção) e elementos (vestido, buquê, grinalda) constituintes do casamento mais tradicional, muitas idealizaram detalhes que, para elas, faria do casamento algo único para ninguém esquecer. E isso também é um ponto indicado pelas noivas como importante para a realização do casamento: reunir família e amigos para celebrar junto com os noivos a união.

O destaque desta temporada que desvia de modo mais transgressor o comportamento e pensamento feminino diante do noivado e do casamento fica com a cantora Adijane, participante do

oitavo episódio do programa. Ela, que afirma ter se apaixonado pelo sorriso de Eliano, já morava com ele mas sentia falta do casamento e necessidade de receber uma benção. Assim, mantendo o desejo da oficialização da união na mulher mas indo de encontro ao tradicional, ela tomou as rédeas da situação e o pediu em casamento: escreveu uma carta em que ao final perguntava: “você quer casar comigo?”. Pedido aceito e sonho realizado. O sonho dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta análise era buscar no programa “Chuva de Arroz” vestígios que mostrassem um perfil usado pela mídia para representar as noivas brasileiras, o que também acabaria identificando os motivos pelos quais essas mulheres casam atualmente. Sentimentos como amor, carinho e companheirismo ficam evidentes, mas a ideia da realização de um sonho é mais forte por toda a temporada analisada. Não se pode deixar de salientar que por ser uma produção midiática que busca prender a atenção do telespectador e conquistar audiência, a envolvimento emocional do público com a história dos personagens é essencial.

Assim, a felicidade adquirida pela realização do sonho de casamento fica estampada praticamente a cada cena e a cada declaração das noivas, que estão sempre sorridentes e, mesmo estressadas por conta da produção da celebração, radiantes. Nenhuma delas realizou o sonho somente por meio de um ritual oficial legal civilmente, como assinar papéis no cartório; todos os casamentos foram marcados por cerimoniais realizados em conjunto com o ritual de passagem para uma vida a dois e foram produzidos para que familiares e amigos pudessem participar desse acontecimento. Dessa forma, parece que para casar e ser feliz, as noivas precisam realizar o sonho por completo.

É ingênuo afirmar que todas as mulheres brasileiras sonham em se casar, no entanto, ao analisar as noivas da primeira temporada do Chuva de Arroz, pode-se pensar que se a mídia mudou o foco dos assuntos dentro do universo dos casamentos é porque também há uma mudança social neste sentido. Se antes os veículos buscavam, por exemplo, indicar como a mulher deveria se comportar para conseguir um bom casamento, hoje eles exibem as mais variadas formas de relacionamento e como algumas mulheres conquistam a felicidade. São mulheres diferentes, com histórias de vida diversas, mas que convergem para um único ponto: realizar o sonho do “final feliz” com o casamento perfeito, seja por amor, companheirismo, praticidade ou busca de paz e

estabilidade.

O “Chuva de Arroz” não representa uma realidade mesmo que se trate de um “reality TV”, pois estão embutidas em sua produção características do espetáculo midiático. Mas também não se pode afastar os objetivos das mulheres participantes, com relação da importância do ritual, da sociedade em que estão inseridas, pois elas representam uma parte dessas mulheres e um pouco de cada uma ao serem apresentadas com desejos que mesclam os anseios de diversas gerações, tradições e comportamentos sociais. Ao mostrar as noivas modernas como indivíduos singulares mas que encaminham-se para um objetivo comum, o “Chuva de Arroz” atrai e conquista o público de forma mais amplificada, sendo uma das maiores audiências do canal GNT enquanto esteve no ar.

Referências bibliográficas

Livros

DEL PRIORI, Mary. **Conversas e histórias de mulher**. 1.ed. - São Paulo: Planeta, 2013.

LEITE, Eduardo de Oliveira. **Direito Civil aplicado**, volume 5: direito da família. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2005.

NORBET, Elias. **O processo civilizador**, volume 1: uma história dos costumes. Tradução: Ruy Jungmann; revisão e apresentação: Renato Janine Ribeiro. - 2.ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self**. A construção da identidade moderna. 3ª edição. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2011.

VELHO, Gilberto. **Cultura subjetiva e projetos de felicidade**. In: FILHO, João Freire (Org.). Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

Artigo de revista

COELHO, Marcieli Cristina; FRACESSE, Luciana. Sentidos que circulam no ciberespaço: efeitos e deslizos que constituem o casamento. **Revista Querubim**. Ano 09, nº 20. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2013. Disponível em <http://www.uff.br/feuffrevista/querubim/images/arquivos/zquerubim_20_vol_2.pdf>. Acesso em 10 de janeiro de 2014.

FERNANDES, Letícia Prezzi. “O noivo é só um detalhe”: gênero e consumo na produção de casamento. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1373324870_ARQUIVO>

[Onoivoesoumdetalhe.pdf](#)>. Acesso em 10 de janeiro de 2014.

MARINS, Cristina Teixeira. Noções de feminilidade nos ritos matrimoniais: uma análise antropológica. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384446976_ARQUIVO_CristinaMarins.pdf>. Acesso em 10 de janeiro de 2014.

MITIDIARI, Ana Maria Amorim. O traje de noiva como identificação e estilo de vida. **4º Colóquio de Moda**. Nova Hamburgo/RS. FEEVALE, 2008. Disponível em <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/4-Coloquio-de-Moda_2008/42506.pdf>. Acesso em 10 de janeiro de 2014.